CARNES

Custos menores

Tudo indica que a médio prazo os preços da carne continuarão a ser influenciados por sistemas com menores custos de produção

IRENE RAGUENET TROCCOLI

Anualmente a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE – elabora projeções dos mais importantes produtos agropecuários para seis anos à frente, relativizados aos diversos países.

Pressupostos & previsões

No caso dos mercados de carne, os pressupostos para as previsões relativas ao estudo para o período 1999-2004 são de três ordens:

- o aumento do acesso a mercados cárneos do Pacífico por parte de alguns países do Mercosul não acontecerá até que esses últimos tenham sido considerados livres da febre aftosa;
- o governo coreano não restringirá as importações de carne bovina no biênio 1999/00;
- devido à recente epidemia de febre aftosa em Taiwan, o governo local não exportará carne suína ao mercado japonês até o ano 2000.

Já no que diz respeito às projeções propriamente, os destaques são de cinco ordens:

- o fim da fase altista no ciclo do rebanho bovino norte-americano compensará o crescimento da produção de carne na Oceania;
- no curto prazo, a UE deveria sofrer queda cíclica na produção, ampliada pelas medidas de controle do mal da vaca louca e pelos reduzidos estoques locais;
- embora os preços de suínos nos mercados do Pacífico devam se recuperar gradualmente entre 1998 e 2004, ainda assim deverão permanecer cerca de 13% abaixo da média do qüinqüênio 1993-97, devido ao esperado aumento de produtividade dos rebanhos;
- na UE, os preços da carne suína – que à semelhança do observado nos EUA se mantiveram deprimidos em 1998 – deverão se recuperar mais rapidamente do que nesse último país, já que o ímpeto europeu na retomada da atividade deverá ser menor do que o projetado para os norte-americanos;
- a carne suína deverá continuar aumentando sua participação no mercado cárneo, à exceção de casos isolados como o japonês e o coreano.

Fatores decisivos

Finalmente, no que tange aos fatores-chave dos mercados de carnes, a OCDE lista cinco elementos:

- a crise financeira que grassa na Ásia, na Rússia e no Brasil e ameaça outras economias deverá gerar redução no consumo de carnes, assim como diminuir o interesse por importações;
- os preços mais baixos de cereais e de outros grãos para arraçoamento reduzirão os custos de produção de carnes, incentivando a recuperação dos rebanhos e a produção de carnes no médio prazo;
- a mudança da situação da Argentina e do Uruguai quanto à febre aftosa finalmente

O que é a OCDE

A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico foi criada em dezembro de 1960 para:

- prover o crescimento econômico sustentável, o emprego e elevado padrão de vida nos países membros, ao mesmo tempo em que manteria a estabilidade financeira, contribuindo para o desenvolvimento da economia mundial;
- contribuir para a expansão econômica consistente, tanto nos países membros quanto nos países não-membros, no processo de desenvolvimento econômico;
- contribuir para a expansão do comércio mundial em uma base multilateral e não-discriminatória, de acordo com os compromissos internacionais.

Os países membros originais da OCDE foram 20: Alemanha, Áustria, Bélgica, Canadá, Dinamarca, Espanha, EUA, França, Grécia, Holanda, Islândia, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Noruega, Portugal, Reino Unido, Suécia, Suíça e Turquia.

Nove outros países tornaram-se membros subseqüentemente, ganhando acesso nos anos referidos: Japão (1964), Finlândia (1969), Austrália (1971), Nova Zelândia (1973), México (1994), República Checa (1995), Hungria (1996), Polônia (1996) e Coréia (1996).

E-mail: irene@fgv.br

A força da parceria

JOSÉ AMÉRICO FLORES AMARAL

Em maio de 1997, os Grupos MPE, do Rio de Janeiro, e Sementes Polato, de Rondonópolis, MT, resolveram formar uma parceria em suinocultura. Na época, foi elaborado um estudo para a implantação de granja com capacidade para 5 mil matrizes. O município de Diamantino foi o indicado para a localização do empreendimento. Para a MPE, a atividade era nova.

Para reforçar informações a respeito do processo produtivo, biosseguridade e sustentabilidade, além dos aspectos mercadológicos, em junho do mesmo ano diretores da MPE – Polato, acompanhados dos responsáveis pela elaboração do projeto, visitaram três das maiores e

Projeções para carne bovina: diversos países

1998(e) a 2004

País	1998(e)	1999	2000	2001	2002	2003	2004
			Austrália				
Produção	1.882	1.796	1.786	1.871	1.946	1.972	1.981
Consumo	739	682	683	672	676	674	668
Exportações	1.160	1.121	1.109	1.205	1.276	1.303	1.320
			Canadá				
Produção	1.102	1.130	1.169	1.233	1.280	1.333	1.413
Consumo	938	965	977	966	982	993	1.003
Importações	218	197	197	197	197	197	197
Exportações	381	350	389	464	494	537	607
			Nova Zelândia				
Produção	638	626	625	664	692	694	720
Consumo	140	142	144	144	146	148	150
Exportações	529	493	515	525	508	509	510
			EUA				
Produção	11.813	11.118	10.821	10.824	11.286	11.490	11.438
Consumo	12.045	11.274	10.904	11.046	11.441	11.574	11.522
Exportações	1.003	1.156	1.017	897	954	1.034	1.049
Importações	1.221	1.274	1.104	1.124	1.119	1.127	1.133
			Argentina				
Produção	2.190	2.353	2.484	2.648	2.769	2.792	2.889
Consumo	1.959	2.137	2.209	2.236	2.273	2.292	2.317
Exportações	272	251	285	423	505	510	582
			Brasil				
Produção	6.574	6.523	6.689	6.772	6.889	7.022	7.118
Consumo	6.431	6.339	6.475	6.663	6.822	6.928	7.067
Comércio líquido	143	184	215	109	67	94	51
			Uruguai				
Produção	471	500	508	511	509	507	508
Consumo	218	228	238	241	244	246	247
Comércio líquido	260	272	270	270	265	262	260
			União Européia				
Produção	7.549	7.545	7.534	7.927	8.211	7.959	7.612
Consumo	7.203	7.160	7.257	7.336	7.367	7.364	7.343
Exportações*	750	875	783	752	752	752	752
Importações*	360	370	400	400	400	400	400

Fonte: OCDE.

*Excluindo comércio intra-UE.

(e) Estimativa.

lhes dará oportunidade de competirem no mercado de carne bovina do Pacífico, alterando a participação de outros países no comércio mundial e nos preços da *commodity*;

- a política de meio ambiente em relação às mudanças climáticas poderá ter implicações na produção de carne bovina a longo prazo, devido à política de redução das emissões de gases causadores do efeito estufa, conforme as metas propostas no Protocolo de Kyoto;
- medidas relativas a questões emergentes, tais como a segurança alimentar e a qualidade ou métodos de produção, serão importantes para o setor.

O estudo da OCDE no entanto deixa muito claro que a maior parte das preocupações diz respeito à carne suína, segmento atualmente em crise em diversos mercados mundiais, à qual se dedicou muito do espaço reservado ao diagnóstico das proteínas animais.

Em dois anos, o mercado suinícola de quase todos os países que fazem parte da OCDE passou de uma situação de preços pagos aos criadores historicamente muito elevados para preços ainda mais baixos do que seria de se esperar a partir do padrão cíclico ditado pelo *gap* entre a decisão de produção e a obtenção do produto final.

Porco: a dança dos preços

Fatos ocorridos durante ambas as fases dos preços contribuíram para intensificar essas variações.

No caso da tendência altista, foram três fatos: o primeiro quando o Ministé-

mais tecnificadas empresas produtoras de suínos nos Estados Unidos e que desenvolviam o seu negócio com alto grau de consciência ambiental e profissionalização.

Uma dessas empresas, a Carroll's Foods, Inc., além de responder as informações solicitadas, interessou-se pelo projeto no Brasil e quis participar. Os entendimentos progrediram e em novembro foi definida a *joint-venture* entre a MPE-Polato e a Carroll's, com a criação da Carroll's Foods do Brasil e com a incorporação da Granja Polato (de 1.400 matrizes) ao novo grupo, já a partir de dezembro. Desde então, a granja deixou de ser comercial e transformou-se em granja experimental, para o aperfeiçoamento das tecnologias gerenciais e de produção a serem estendidas às novas unidades de produção.

Em maio deste ano, o controle acionário da Carroll's Foods, Inc. foi adquirido pela Smithfield Foods, Inc. e agora em setembro a Smithfield negociou a aquisição do controle acionário da Murphy's Farm, tornando-se de longe a maior produtora mundial de suínos, considerando-se o somatório das três companhias (aproximadamente com 800 mil matrizes), além de já ser o maior processador de carne suína no mundo, operando hoje em diversos países.

Hoje, o projeto de suinocultura da Carroll's Foods do Brasil, a ser implantado no Centro-Oeste, com prioridade para o estado do Mato Grosso, está assim definido: uma granja comercial em operação com 1.400 matrizes no município de Pedra Preta, MT, uma granja comercial para 10 mil matrizes e uma multiplicadora de rebanho fechado para 800 reprodutoras, ambas em início de construção no município de Diamantino, MT, e um total de 51.400 matrizes comerciais e 4 mil reprodutoras até o ano de 2005, com implantação anual de 10.800 matrizes (10 mil comerciais e 800 reprodutoras) para as restantes 43.200 (a partir de 2002).

A geração de empregos temporários e permanentes, diretos e indiretos, a transformação de proteína vegetal (milho e farelo de soja) em proteína animal (carne de suíno de alta qualidade), agregando valor à produção regional, a oferta de qualidade constante e com características genéticas e de nutrição voltadas para o sabor e mínimo teor de gordura, a preocupação com a sustentabilidade ambiental e econômica do negócio, o foco para o mercado externo no que exceder a normal demanda interna e a abertura para alianças e parcerias que possam otimizar as operações fazem do Projeto Carroll's Brasil um empreendimento que coloca o país no patamar dos grandes projetos mundiais no segmento, tendência que vem se reforçando nesta década e que é um pressuposto básico à competitividade.

José Américo Flores Amaral *é diretor-presidente da Carroll's Foods do Brasil.*

rio da Saúde do Reino Unido anunciou, em março de 1996, uma potencial ligação entre a doença popularmente chamada de vaca louca e uma nova variante da doença de Creutzfeld-Jakob. Muitos consumidores, assustados com essa possibilidade, abandonaram o consumo de carne bovina, migrando para as carnes suína e avícola e estimulando o aumento de seus preços.

No início do ano seguinte, quando os rebanhos suinícolas europeus se encontravam em franca expansão para atender a essa procura, foi divulgado que estariam sendo detectados focos de peste suína clássica na Holanda, estendendo-se logo após para a Alemanha, Espanha e Bélgica. A forte eliminação de animais que se seguiu a essa notícia fez subir ainda mais o preço ao produtor.

O terceiro reforço ao aumento dos preços ocorreu em março de 1997, quando a epidemia de febre aftosa em Taiwan prejudicou as exportações desse país, terceiro maior exportador mundial de carne suína.

Refletindo os aumentos dos preços, os plantéis começaram a crescer já no final do ano de 1997, apontando para uma reversão do quadro de preços elevados. Mas quatro outros elementos conjunturais viriam acelerar essa tendência.

Confiantes de que o perigo da vaca louca fazia parte do passado, os consumidores europeus começaram lentamente a retomar o consumo da carne bovina, diminuindo a demanda de carnes alternativas.

Em segundo lugar, as dificuldades financeiras sentidas na Ásia a partir de 1997 levaram à desaceleração econômica em diversos países do continente, causando queda na demanda dos mais diversos produtos, inclusive alimentos.

Em terceiro lugar, a desvalorização do rublo na Rússia e os problemas creditícios desse país afetaram fortemente suas importações, incluindo as de produtos agrícolas. O efeito sobre o setor suinícola europeu foi enorme, já que os russos tradicionalmente adquiriam 30% de todas as exportações de carne suína da União Européia.

Além disso tudo, as importações japonesas de carne suína (entre 30% e 40% do movimento mundial anual da *commodity* contabilizado pelo Usda) declinaram fortemente em 1997, ante os problemas no rebanho de Taiwan, seu maior supridor. Paradoxalmente, o esvaziamento dos estoques japoneses do produto teve efeito depressivo sobre os preços mundiais da carne, porque sinalizava o desinteresse por sua aquisição em nível mundial.

Os preços não devem subir

Pelo lado das projeções futuras tudo indica que a médio prazo os preços da carne continuarão a ser influenciados pela rápida adoção de sistemas com menores custos de produção. A crescente implantação de unidades de megaprodução integradas nos EUA sobretudo deve continuar a aumentar a oferta e diminuir o custo de produção, resultando em preços menores.

No Brasil também já se observa essa tendência. Em meados do último mês de agosto, a SmithField, empresa destacada no agribusiness norte-americano, tornou-se sócia de grupo brasileiro, visando à montagem de criação suinícola no estado do Mato Grosso do Sul da ordem de mais de 1 milhão de cabeças/ano.

E-mail: irene@fgv.br

COOPERATIVAS

Papel carbono

O desempenho das cooperativas agropecuárias no ano que passou foi o retrato da conjuntura econômica brasileira

STIVILANE DORNELAS

De forma geral, a crise que afetou a agricultura influenciou diretamente os resultados alcançados pelas empresas cooperativas.

Entre os fatores conjunturais estão a mudança na política cambial, a elevada taxa de juros, a falência das políticas públicas, sobretudo a de crédito rural, e o endividamento dos agricultores. Acresce a falta de uma política estratégica para agregar valor à matéria-prima produzida.

Distorção de preços

A mudança na política cambial afetou os preços das *commodities*, determinados pelo mercado externo. As distorções de preço geradas no período analisado tornaram o faturamento das cooperativas agropecuárias vulnerável à competitividade da cadeia agroindustrial em que se inserem. O decréscimo do faturamento das cooperativas só não foi maior devido à safra recorde de grãos deste ano. As que não estão inseridas em sistema de cadeias ou têm produtos com preços balizados no mercado interno tiveram faturamento proporcional à atividade.

A mudança cambial ocorreu num período de colheita da safra, quando os preços estavam baixos; mas o plantio está ocorrendo numa época em que os valores dos insumos, já dolarizados, estão mais altos do que no ano anterior. Os possíveis benefícios da desvalorização cambial ao produtor-cooperado foram inibidos por forças de mercado.

Houve um ligeiro aumento do faturamento em relação ao ano anterior, o que permitiu que algumas cooperativas regularizassem parte da sua dívida mas não foi o suficiente para sanar o quadro de endividamento